

O mercado de trabalho dos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre durante o Governo Lula (2003-10)*

Anderson Bonetto Carraro**

Mestre em Economia do
Desenvolvimento pelo Programa de
Pós-Graduação em Economia do
Desenvolvimento da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul (PUCRS)

Angélica Massuquetti***

Professora do Programa de Pós-
-Graduação em Economia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(Unisinos)

Tiago Wickstrom Alves****

Professor do Programa de Pós-
-Graduação em Economia da Unisinos

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o mercado de trabalho dos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) durante o Governo Lula, no período 2003-10. A metodologia empregada foi a coleta de informações em bases de dados como as da Fundação de Economia e Estatística (FEE), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Além disso, utilizou-se o “software” de análise de dados espaciais GeoDa. Os resultados revelam que o emprego juvenil cresceu, em números absolutos, quase 20% na RMPA, porém teve sua participação reduzida no mercado de trabalho da região, no período em análise. Alguns setores, como comércio e serviços, cresceram acima da média, em detrimento do setor industrial. Também houve um aumento da remuneração real nessa região e na faixa etária es-

* Artigo recebido em dez. 2011 e aceito para publicação em nov. de 2014.
Revisora de Língua Portuguesa: Elen Jane Medeiros Azambuja.

** E-mail: anderbc@hotmail.com

*** E-mail: angelicam@unisinos.br

**** E-mail: twa@unisinos.br

tudada. Porém, quando comparado com o aumento real do salário mínimo, nesse período, percebe-se uma diferença entre ambos, favorável ao salário mínimo. Esse fato pode ser explicado pelo elevado índice de crescimento real do salário mínimo nacional, durante o período em análise, muito acima do crescimento do mercado de trabalho juvenil da região.

Palavras-chave

Mercado de trabalho; desemprego juvenil; RMPA.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the labor market of young people in the Metropolitan Area of Porto Alegre (RMPA) during President Lula's government (2003-10). The methodology used was the collection of information from databases such as those of the Economics and Statistics Foundation (FEE), the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), the Institute for Applied Economic Research (IPEA), the International Labour Organization (ILO) and the Ministry of Labor and Employment (MTE). In addition, the software used in the analysis of the spatial data was the GeoDa. The results reveal that youth employment increased, in absolute numbers, almost 20% in the RMPA, but reduced its participation in the labor market in the region in the period under review. Some sectors, such as trade and services, grew above the average, at the expense of the industrial sector. There was also an increase in real remuneration in this region and in the age group studied. However, when compared with the real minimum wage increase in this period, there is a perceived difference between both, favorable to the minimum wage. This fact can be explained by the high rate of real growth in the national minimum wage during the period under analysis, well above the growth of the youth labor market in the region.

Keywords

Labor market; youth unemployment; Metropolitan Area of Porto Alegre (RMPA).

Classificação JEL: J21, J31, J64.

1 Introdução

Os jovens¹ respondem, aproximadamente, por 17% da população de ocupados² da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) (FEE, 2011). Essa região destoa das demais áreas do Estado por ser a mais populosa e a mais avançada economicamente, tendo em vista que a RMPA está inserida no estado com o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) do País. Contudo, segundo Bastos (2007), a entrada dos jovens no mercado de trabalho geralmente é difícil, caracterizando-se por elevadas taxas de desemprego e de informalidade, bem como por baixos níveis de rendimento e de proteção social.

Conforme afirma Constanzi (2009), embora os setores do mercado de trabalho nos quais os jovens estão inseridos estejam sujeitos às flutuações da economia, em geral, a juventude é atingida mais severamente em momentos de retração e é menos beneficiada em períodos de melhoria e de recuperação econômica. Por essa razão, o autor afirma que é fundamental analisar a situação dos jovens no mercado de trabalho a partir da evolução de um conjunto de indicadores, tais como taxa de participação, taxa de desemprego, informalidade, escolaridade e nível de rendimentos.

Um dos indicadores das condições dos jovens no mercado de trabalho, a taxa de desemprego, citada anteriormente, geralmente se mostra em níveis elevados na população juvenil. Isso acontece, conforme Flori (2003), em praticamente todos os países, sendo que entre os jovens registram-se níveis de desemprego superiores aos da média da população.

Além disso, a entrada do jovem no mercado de trabalho representa, segundo Gonzalez (2009), a transição escola-trabalho na vida do novo trabalhador. Essa mudança geralmente é conflituosa em razão das diferenças de um ambiente escolar, onde o objetivo é o aprendizado, para um ambiente profissional, onde há cobranças de resultados imediatos. Ainda, conforme Gonzalez (2009), o jovem chega ao mercado sem nenhuma experiência profissional e, em muitos casos, com baixa e precária escolaridade. Tendo

¹ De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) (Constanzi, 2009), jovem é o indivíduo com idade entre 15 e 24 anos. Porém, neste estudo, optou-se por utilizar a faixa etária de 16 a 24 anos, pois, no Brasil, a idade mínima de ingresso legal no mercado de trabalho é de 16 anos, conforme emenda de 1998 à Constituição Federal. Cabe destacar que alguns estudos consideram jovens as pessoas que têm entre 15 e 29 anos de idade.

² Conjunto de pessoas que: (a) possuem trabalho remunerado exercido com regularidade; (b) possuem trabalho remunerado exercido de forma irregular e não procuram trabalho diferente do atual, excluindo aquelas que, não tendo procurado, exerceram algum trabalho de forma excepcional nos últimos sete dias; e (c) possuem trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou remunerado em espécie, ou em benefício, e não procuram trabalho.

em vista a sociedade econômica atual, em que se espera alta produtividade com o menor gasto possível, a entrada do jovem no mercado de trabalho é de dificuldade, pois muitas vezes lhe é cobrada experiência prévia para ser contratado e, quando é admitido, acaba ficando, pouco tempo depois, desempregado. Isso em função das altas exigências que não consegue cumprir, pois lhe falta experiência profissional. Porém ações estão sendo tomadas pelo Poder Executivo, tanto brasileiro quanto gaúcho, para combater essas dificuldades. Tais medidas estão baseadas em programas sociais voltados para o público jovem, como o Programa Primeiro Emprego, do Governo Federal, lançado em 2003. Esses programas possuem diferentes meios, mas os mesmos objetivos: ajudar o jovem a se preparar profissionalmente.

Os problemas sociais que a população jovem brasileira vem enfrentando estão ganhando cada vez mais espaço entre os assuntos que o Brasil tem ainda por resolver, e isso acontece por tratar-se de um aspecto complexo na sociedade brasileira. Exposta, em média, a altos níveis de violência, à precária escolaridade e a elevados índices de pobreza, a população jovem brasileira encontra-se em uma situação de fragilidade social. Essa dificuldade, segundo Gonzalez (2009), está ligada à crise em que se encontra a transição escola-mercado de trabalho para os jovens.

O sistema educacional, no Brasil, na sua quase totalidade, é frágil, tendo em vista que o País está sempre nos últimos lugares em leitura, matemática e ciências, dentre as 65 nações pesquisadas pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). Isso pode ser comprovado quando se comparam a quantidade média de anos de estudo e a qualidade de ensino do País, frente às demais nações em desenvolvimento. Essa disparidade ocorre pela baixa qualidade, em média, do ensino, principalmente nas escolas públicas brasileiras. Constata-se, porém, nos últimos anos, uma elevação no nível escolar do País. No entanto, esse aumento educacional, conforme Gonzalez (2009), vem acompanhado da queda de qualidade de ensino e de aprendizagem, por parte dos egressos do sistema brasileiro de educação. Quando o jovem chega ao mercado de trabalho, não tem experiência profissional, mas lhe é exigido, além de algum conhecimento prévio, um bom nível educacional. Frente a esses dois quesitos, a população jovem passa por dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, levando-se em conta a precária educação que lhe foi oferecida.

No âmbito do mercado de trabalho da RMPA, conforme relata Bastos (2007), o contingente de jovens que pertenciam à População Economicamente Ativa (PEA) cresceu 28,2% no período 1993-2005. Já a taxa de desemprego dessa população apresentou tendência de crescimento na região,

tendo-se elevado de 21,4% em 1993 para 26,3% em 2005. O crescimento da PEA juvenil (28,2%) na região foi superior ao observado pela ocupação (20,2%), revelando uma baixa capacidade de absorção de mão de obra juvenil pelo mercado de trabalho no período, o que trouxe consigo acentuada elevação do estoque de desempregados desse grupo populacional.

Sob essa perspectiva para o jovem no mercado de trabalho é que se questiona: qual a população de jovens que se inseriram no mercado de trabalho da RMPA durante o governo do Presidente Lula³ e qual a remuneração média recebida por eles nesse período? A partir desse questionamento, este estudo pretende lançar um olhar mais detalhado sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho da RMPA no período do Governo Lula, ou seja, de 2003 a 2010. Concentrar a pesquisa na RMPA justifica-se por suprir uma lacuna de um estudo mais abrangente para o jovem que está entrando no mercado de trabalho na região. Essa região é uma das mais desenvolvidas economicamente e com maior nível educacional do País, assim, entender como sua população jovem se insere no mercado de trabalho e quais suas dificuldades torna-se necessário, pois serve para buscar caminhos para resolver as adversidades e fortalecer os pontos positivos.

Este estudo procurou identificar referências analíticas das principais contribuições teóricas acerca do mercado de trabalho juvenil, focando em um caso específico, qual seja a inserção dos jovens no mercado de trabalho da RMPA. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de livros, de artigos, de dissertações e teses que tratam do tema. Os dados secundários para a análise empírica foram pesquisados em instituições, como a Fundação de Economia e Estatística (FEE), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), dentre outras. Além disso, utilizou-se o *software* de análise de dados espaciais GeoDa.

Com base nessas informações, este estudo foi organizado da seguinte forma: após esta breve **Introdução**, na segunda seção, aborda-se o panorama geral do mercado de trabalho, em específico o voltado para os jovens, em âmbito tanto nacional quanto gaúcho, especialmente no da RMPA. Na terceira seção, analisa-se o mercado de trabalho juvenil da RMPA durante os dois mandatos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a partir da estatística descritiva e da análise espacial, utilizando-se, para isso,

³ A análise desse governo se justifica por ter o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva terminado seu mandato com aprovação recorde de gestão, o que faz ser questionada, neste estudo, sua contribuição ao mercado de trabalho juvenil. Ao final de oito anos de mandato, 80% da população brasileira considerava seu governo "ótimo" ou "bom", de acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope) a pedido da Confederação Nacional da Indústria (CNI) (GOVERNO..., 2010).

o *software* GeoDa. Finalmente, o artigo encerra-se com suas principais conclusões e com algumas sugestões para futuros trabalhos.

2 Mercado de trabalho juvenil: panorama geral e desemprego

A primeira atividade profissional representa uma experiência importante na trajetória futura do jovem no mercado de trabalho. O começo de carreira precário e antecipado tende a refletir-se pelo resto da vida profissional do indivíduo. Por isso, a situação vivida pelos jovens ao ingressarem no mercado de trabalho faz parte da preocupação de diferentes economistas, sociólogos, governantes, enfim, de profissionais e de estudiosos que percebem o quanto essa parcela da população tem seu valor para o País e o quanto sofre de mazelas sociais. Nesta seção, busca-se apresentar um panorama geral do mercado de trabalho, em específico, o voltado para os jovens em âmbito tanto nacional quanto gaúcho e no da RMPA, destacando-se a questão do desemprego.

O desemprego é um grave problema social que se caracteriza pela falta de capacidade dos países em prover emprego a todos aqueles que o queiram. Entre os jovens, segundo Flori (2003), o desemprego assume níveis mais altos do que entre o restante da população. Essa é uma questão que preocupa os governantes e a sociedade do mundo todo, pois a taxa de desemprego entre esse grupo é tradicionalmente mais elevada do que entre os adultos e entre os idosos.

No Brasil, conforme Constanzi (2009), a situação não é muito diferente. Uma parcela significativa dos jovens entra no mercado de trabalho de forma precária. Essa inserção se caracteriza por altas taxas de desemprego e informalidade e por baixos níveis de rendimento e de proteção social. O autor revela que, dentre os grupos de jovens que mais sofrem com o desemprego, estão os negros e as mulheres e, em maior grau, a junção dessas características, ou seja, as jovens negras. Ainda, segundo o autor, o mercado de trabalho sofre influência direta da economia e, geralmente, para esse público, o impacto é maior porque é mais prejudicado em momentos de retração e menos beneficiado em períodos de bonança econômica.

De modo geral, de acordo com Bastos (2007), o desemprego juvenil é, pelo menos, o dobro daquele da população adulta na maioria das nações. Dentre as causas para esse fato, o autor aponta a falta de experiência dos jovens e também ressalta que esse grupo é mais influenciado por períodos de crises econômicas. Apesar de a população jovem mundial ter tido sua taxa de crescimento diminuída nos últimos anos e ter permanecido mais

tempo na escola, isso não parece ter enfraquecido a taxa de desemprego juvenil. Isso ocorre porque, de um modo geral, a macroeconomia mundial passou por vários períodos de turbulência econômica no período 2003-10, o que contribuiu para a permanência do desemprego juvenil em patamares estáveis.

Um fator de combate ao desemprego por parte dos jovens é a escolaridade. Como afirma Constanzi (2009), esse aspecto fica evidente quando se analisam os dados e se vê que a escolaridade cresceu, de um modo geral, entre o público jovem, mas, principalmente, entre os jovens inativos. Esse é um indício de que está crescendo o percentual dessa população que está preferindo trocar a busca pelo primeiro emprego por uma melhor qualificação. Entre aqueles que estudam e trabalham, o autor mostra que há uma relação inversa entre escolaridade e jornada de trabalho, ou seja, quanto mais horas o jovem trabalha por dia, menor é a possibilidade de ele estar estudando. No Brasil, os jovens de baixa renda abandonam a escola para se dedicarem a trabalhos informais e precários, os quais, além de não lhes trazerem nenhuma experiência substancial, ainda lhe reduzem a oportunidade de um futuro mais digno.

Nesse sentido, de acordo com Gonzalez (2009), a juventude brasileira caracteriza-se pela saída da escola e pela entrada no mundo do trabalho com baixa escolaridade para isso. O ensino básico no Brasil ainda é precário e extremamente desigual, sendo que grande parte (52% em 2006) dos jovens que se inserem no mercado de trabalho não concluiu o ensino médio. Os jovens do gênero masculino estão saindo dos bancos escolares, em média, com 18,1 anos, e as mulheres, com 17,9 anos. Em contrapartida, os homens estão entrando no mercado de trabalho com 15,8 anos em média, contra 15,9 anos das jovens. Esses dados sugerem claramente que o prolongamento da escolarização não implicou adiamento da entrada no mercado de trabalho, mas ampliou a simultaneidade de escola e de trabalho. O processo de escolarização é lento, porém já se pode constatar uma redução da participação de jovens de 15 a 17 anos no mercado produtivo. Essa redução deve-se, sobretudo, ao prolongamento do tempo dedicado à escola. Por outro lado, as mulheres de 18 a 29 anos estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho. Em média, segundo Gonzalez (2009), o jovem brasileiro começa a trabalhar sem concluir o ensino médio. Em 2006, por exemplo, 52% dos jovens entre 18 e 24 anos tinham menos de 11 anos de estudo completos.

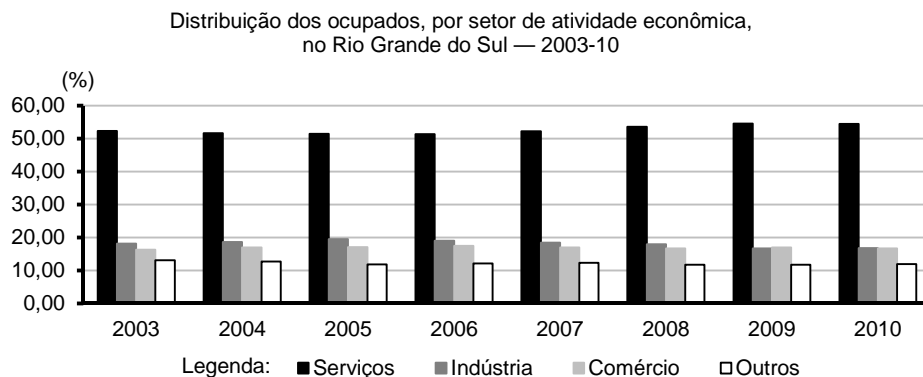
Para Gonzalez (2009), a concomitância de trabalho e de estudo está presente em grande parcela dos jovens de 15 a 17 anos. Esse fato é mais comum entre os do gênero masculino. Também há um contingente de jovens (9,65%) nessa faixa etária que não trabalham nem estudam. Isso se

deve, em grande parte, ao jovem que sai da escola e não consegue encontrar emprego ou enfrenta dificuldade em manter-se nele, geralmente pela pouca escolaridade e experiência profissional. Outra característica desse grupo, segundo o autor, é a diferença de renda familiar, que influencia profundamente as condições de escolarização e de inserção no mercado de trabalho. A entrada no mercado, em média, é ainda precoce, mas vem melhorando consideravelmente em comparação com a da década de 90. A idade de incorporação dos jovens ao mercado de trabalho está se aproximando, de forma mais definitiva, dos 18 anos. Já a qualidade dos postos de trabalho que os jovens conseguem ocupar é proporcional à sua idade e à sua qualificação.

De acordo com Bastos (2010b), o mercado de trabalho do Rio Grande do Sul teve uma década de evolução positiva do seu nível ocupacional. Durante os anos 2001-07, verificou-se uma taxa média anual de crescimento de 1,7% do setor. Essa situação favorável aconteceu em virtude de um contexto econômico de desvalorização cambial em 1999 e de um panorama nacional e internacional mais favorável. Nesse período, esses fatos contribuíram para a retomada da geração de emprego pela economia do estado gaúcho.

Neste início de década, o nível ocupacional do Estado, no Setor Secundário, teve uma trajetória de crescimento, enquanto no Terciário também ocorreu uma expansão, porém em um ritmo mais modesto. Em contrapartida, a ocupação nas atividades agrícolas do Estado caracterizou-se por manter-se numa tendência de retração no período. No Gráfico 1, analisa-se a trajetória ocupacional no Rio Grande do Sul no período 2003-10. Como se pode constatar, o Setor Terciário foi o que mais empregou trabalhadores no Rio Grande do Sul, com uma média anual de 48,1% da ocupação estadual no período em análise. Já o Setor Primário mostrou uma pequena retração de seu contingente de trabalhadores, registrando uma ocupação média de 26,3% ao ano. Por outro lado, o Setor Secundário foi o único que teve uma elevação de seu contingente no período em análise. Sua média atingiu 25,6% do total de trabalhadores gaúchos, superando em tamanho o Setor Primário.

Gráfico 1



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Bastos (2010b).

NOTA: A categoria "outros" engloba trabalhadores na construção civil, nos serviços domésticos, na agricultura, na pecuária, na extração vegetal e em outras atividades não classificadas.

Segundo Bastos (2010b), uma das principais características da ocupação no mercado de trabalho gaúcho deve-se à retomada da geração de emprego com carteira assinada. Esse fato representou uma taxa média anual de 3,5% de crescimento do trabalho formal no Estado, de 2001 a 2007, diferentemente do que ocorreu na década anterior, como pode ser analisado na Tabela 1, em que se pode observar a evolução do mercado de trabalho anteriormente ao Governo Lula e entre seus mandatos.

Tabela 1

Ocupados, por posição na ocupação, no Rio Grande do Sul — 1992, 1999, 2001 e 2007

DISCRIMINAÇÃO	NÚMERO DE OCUPADOS (1.000 pessoas)				VARIAÇÃO %	
	1992	1999	2001	2007	1992-99	2001-07
Empregados	2.363	2.462	2.664	3.199	0,6	3,1
Com carteira	1.570	1.556	1.643	2.018	-0,1	3,5
Sem carteira	518	586	704	827	1,8	2,7
Militares e estatutários	276	321	316	354	2,2	1,9
Conta própria	1.067	1.130	1.195	1.274	0,8	1,1
Trabalhadores domésticos	304	331	349	384	1,2	1,6
Empregados	201	224	257	262	1,6	0,3
Não remunerados	672	568	546	486	-2,4	-1,9
Outros (1)	381	340	325	300	-1,6	-1,3
TOTAL	4.989	5.056	5.335	5.905	0,2	1,7

FONTE: Bastos (2010b).

(1) Inclui trabalhadores na construção para o próprio uso e trabalhadores na produção para o próprio consumo.

Constata-se que a última década foi um período de alavancagem do mercado de trabalho gaúcho, no qual o emprego formal cresceu a uma taxa contínua (Bastos, 2010b). Na RMPA, conforme demonstra Bastos (2005), a situação se assemelha à vivida nacionalmente, podendo-se notar, conforme o autor, uma elevação de 6,8% do contingente de jovens que só estudavam na região, no período 1993-2002. Porém, o avanço mais expressivo está entre aqueles que estudam e trabalham concomitantemente, em detrimento daqueles que somente trabalham, que tiveram sua participação diminuída nos últimos anos (1995-2004). Essa situação, segundo o autor, é gerada pelo mercado, que está cada vez mais seletivo quanto à escolaridade. Com isso, os jovens preferem buscar uma melhor qualificação, almejando a melhores postos de trabalho, pois esse lhes parece ser o caminho mais curto para o sucesso profissional.

Nos últimos anos, pode-se verificar que houve uma constante queda na população jovem economicamente ativa, na RMPA (Tabela 2). Ao analisarem-se os jovens entre 16 e 24 anos, observa-se um decréscimo constante em sua PEA nessa região. Essa situação ocorre tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Por outro lado, a população acima de 24 anos manteve seu contingente crescente, em ambos os gêneros, na PEA da RMPA.

Tabela 2

População Economicamente Ativa, por faixas etárias selecionadas e por gênero, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003-09

ANOS	JOVENS						ADULTOS	
	16 e 17 anos		18 a 24 anos		16 a 24 anos		Acima de 24 anos	
	Ho- mens	Mulhe- res	Ho- mens	Mulhe- res	Ho- mens	Mulhe- res	Ho- mens	Mulhe- res
2003	30	25	201	174	231	199	732	591
2004	29	26	210	178	239	204	740	609
2005	26	24	210	177	236	201	761	628
2006	26	21	204	176	230	197	773	647
2007	22	20	199	179	221	199	801	668
2008	25	24	197	172	222	196	838	727
2009	23	19	192	168	215	187	861	746

FONTE: Bastos (2010c).

Essa tendência de decréscimo da população jovem no mercado de trabalho, segundo Constanzi (2009), não é necessariamente um indício de piora da inserção juvenil nesse mercado, pois esse panorama é causado, em parte, pelo processo de envelhecimento da população brasileira e

também pela diminuição da participação dos jovens no mercado de trabalho. Isso acontece em decorrência do aumento da escolaridade e da postergação da atividade profissional.

Nessa perspectiva de escola-trabalho, de acordo com Pochmann (2007), do ponto de vista do emprego juvenil, há duas providências que devem ser tomadas. A primeira está associada diretamente a ações que façam o jovem ingressar mais tardiamente no mercado de trabalho, sendo essa uma tendência internacional. Nota-se que os jovens estão se preparando cada vez mais antes de entrarem no mercado de trabalho. No Brasil, sete de cada dez jovens entre 15 e 24 anos de idade estão trabalhando, enquanto, na França, somente três estão inseridos no mercado de trabalho. O segundo conjunto de ações é voltado exclusivamente para a expansão do emprego, especificamente para o trabalhador jovem. Essas ações estimulam o emprego tanto no setor privado, facilitando aos trabalhadores jovens serem empregados, quanto no setor público, por meio de ações que lhes permitam ingressar em algum trabalho de utilidade coletiva ou social.

Para combater o desemprego juvenil, segundo Pochmann (2007), países como França e Alemanha retardam, através de incentivos financeiros aos jovens estudantes, a entrada desses no mercado de trabalho. Nesses países, o governo transfere renda às famílias mais pobres, que precisariam que os filhos trabalhassem para complementar o orçamento. O autor defende a ideia de que a distribuição de renda através de programas bolsa-escola e renda mínima, com o objetivo de prorrogar a entrada do jovem no mercado de trabalho, é um aspecto importante na solução do problema no Brasil. Porém os programas precisam ainda ter estratégias diversificadas para os diferentes níveis de formação, avalia o autor. Isto porque o desemprego juvenil atinge mais fortemente a classe média, já que as ocupações de nível técnico foram as que sofreram mais cortes, e esses jovens não possuem nem acesso às melhores universidades nem aceitam trabalho precário, como os mais pobres.

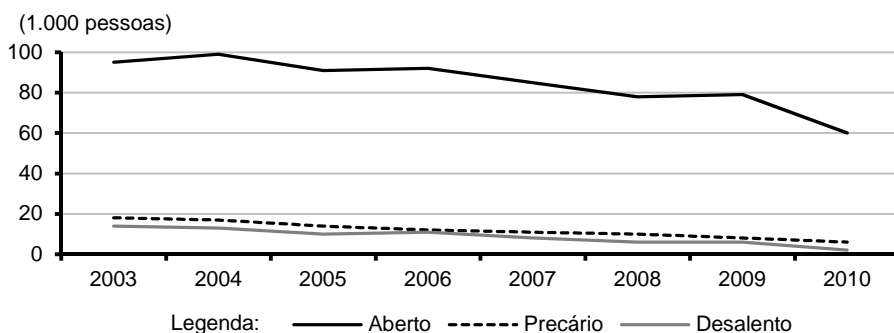
Segundo Bastos (2010), a trajetória do mercado de trabalho modificou-se positivamente na primeira década dos anos 2000, principalmente no período 2004-08, em que houve um cenário macroeconômico mais favorável, com maiores taxas de crescimento do PIB. Mesmo a crise global iniciada no final de 2008 não foi suficiente para reverter os resultados verificados nos anos anteriores. O autor ressalta que a relação entre a taxa de desemprego aberto e a taxa de desemprego oculto teve uma forte expansão na RMPA, nos últimos 10 anos.

No Gráfico 2, são analisados os dados relativos ao desemprego, por tipo, dos jovens na RMPA, durante o Governo Lula. Pode-se constatar que

houve uma diminuição dos índices, em especial, do desemprego aberto, que representa a maior parte de desempregados jovens da RMPA. Isso ocorreu por tratar-se de um tipo de desemprego que engloba os indivíduos que, no mês anterior ao da pesquisa, procuraram emprego, sem exercer nenhuma atividade no mercado informal. No período em análise, constatou-se que o desemprego precário, em que o indivíduo exerce alguma atividade informal, e o desemprego por desalento, em que se encontram as pessoas que não procuram emprego há mais de 30 dias, por desestímulo, também tiveram seus índices diminuídos, revelando uma melhora nos níveis de emprego juvenil na RMPA.

Gráfico 2

Desempregados jovens, por tipo, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003-10



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Bastos (2010c).

Compreender quais são as adversidades que inibem o jovem de chegar ao mercado de trabalho faz-se de suma importância. O começo da vida profissional deve ser uma experiência satisfatória, pois ali serão dados os primeiros passos para todo o restante da trajetória econômica, social e pessoal daquele indivíduo.

Uma grande parte da população jovem ingressa no mercado de trabalho por necessidade ou por dificuldades econômicas e sociais de suas famílias. Porém, segundo Constanzi (2009), há também aqueles que entram no mercado em busca de autonomia, independência financeira, crescimento pessoal, entre outras razões. A entrada no mercado de trabalho por necessidades econômicas geralmente afasta o jovem de baixa renda do aumento da escolaridade e da qualificação profissional. A conciliação entre trabalho e estudo está presente na vida de uma considerável parcela dos jovens brasileiros. Atualmente, contudo, tais indivíduos encontram dificuldades em conciliar essas atividades, entre outros motivos, por cumprirem extensas jornadas de trabalho. A Tabela 3 apresenta as

atividades dos jovens da RMPA, no período 2000-09, em relação a trabalho, estudo e gênero.

Tabela 3

Estimativa dos jovens (16 a 24 anos), segundo situação de trabalho, estudo e gênero, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003-09

DESCRIÇÃO	JOVENS						
	Número (1.000)		Índice (1)	Número (1.000)		Índice (1)	
	2003	2004		2005	2006		
Total	614	630	102,61	631	102,77	620	100,98
Mulheres	307	311	101,30	313	101,95	308	100,33
Homens	307	319	103,91	318	103,58	312	101,63
Só estuda	113	120	106,19	128	113,27	127	112,39
Mulheres	60	60	100,00	67	111,67	66	110,00
Homens	53	60	113,21	61	115,09	61	115,09
Estuda e trabalha e/ou procura trabalho	165	168	101,82	156	94,55	147	89,09
Mulheres	82	84	102,44	80	97,56	74	90,24
Homens	83	84	101,20	76	91,57	73	87,95
Só trabalha e/ou procura trabalho	267	275	103,00	280	104,87	280	104,87
Mulheres	118	120	101,69	120	101,69	123	104,24
Homens	149	155	104,03	160	107,38	157	105,37
Apenas cuida dos afazeres domésticos (2)	33	31	93,94	32	96,97	32	96,97
Outros	36	36	100,00	34	94,44	34	94,44
Mulheres	14	15	107,14	14	100,00	13	92,86
Homens	22	21	95,45	20	90,91	21	95,45

(continua)

Tabela 3

Estimativa dos jovens (16 a 24 anos), segundo situação de trabalho, estudo e gênero, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003-09

DESCRIÇÃO	JOVENS					
	Número (1.000)	Índice (1)	Número (1.000)	Índice (1)	Número (1.000)	Índice (1)
	2007		2008		2009	
Total	614	100,00	605	98,53	586	95,44
Mulheres	310	100,98	299	97,39	289	94,14
Homens	304	99,02	306	99,67	297	96,74
Só estuda	129	114,16	123	108,85	123	108,85
Mulheres	66	110,00	61	101,67	64	106,67
Homens	63	118,87	62	116,98	59	111,32
Estuda e trabalha e/ou procura trabalho	151	91,52	154	93,33	144	87,27
Mulheres	78	95,12	79	96,34	73	89,02
Homens	73	87,95	75	90,36	72	86,75
Só trabalha e/ou procura trabalho	268	100,37	265	99,25	258	96,63
Mulheres	120	101,69	118	100,00	114	96,61
Homens	148	99,33	147	98,66	144	96,64
Apenas cuida dos afazeres domésticos (2)	30	90,91	27	81,82	24	72,73
Outros	36	100,00	36	100,00	37	102,78
Mulheres	15	107,14	14	100,00	14	100,00
Homens	21	95,45	22	100,00	23	104,55

FONTE: Bastos (2010c).

(1) Base: 2003 = 100. (2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

A partir desses dados, pode-se verificar que, durante a última década, a população jovem da RMPA manteve-se praticamente estagnada, com uma leve queda (-4,66%). Por outro lado, é possível notar um aumento no contingente de indivíduos que somente estudam (8,85%), em detrimento daqueles que conciliam estudo e trabalho (-12,73%). Em contrapartida, a população de jovens que somente trabalha teve uma pequena retração durante a década (-3,37%). Nota-se, portanto, uma postergação dos jovens para entrarem no mercado de trabalho, buscando manterem-se mais tempo na escola.

Conforme Bastos (2010a), a coorte juvenil da RMPA manteve-se em torno de 20% da PIA da região até o ano 2004. A partir de 2005, entrou num período de declínio, chegando a representar 16,9% da PIA da RMPA. Tais evidências contribuíram para que a oferta de trabalho desse segmento de

trabalhadores se mantivesse em patamares estáveis, contribuindo, assim, para a inserção ao mercado dos jovens na Região.

Essa situação de baixa pressão da oferta de mão de obra juvenil foi um dos motivos pelos quais o mercado de trabalho em questão teve uma década de relativo crescimento. O período em análise caracterizou-se por um ciclo econômico positivo no Brasil. O mercado de trabalho juvenil acompanhou essa trajetória, mas, como já lhe é peculiar, não na mesma proporção. Houve, também, melhoras nos índices de escolaridade dos jovens e do emprego formal, em especial na RMPA.

3 Mercado de trabalho dos jovens na RMPA

O objetivo desta seção é analisar o mercado de trabalho juvenil da RMPA a partir de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2003 e de 2010. As variáveis empregadas nessa análise são a quantidade de empregados, o nível educacional por setor econômico e a remuneração recebida pelos jovens inseridos no mercado produtivo da região.

3.1 Observações sobre as pesquisas empíricas acerca do mercado de trabalho juvenil

A compreensão de como ocorre a inserção dos jovens no mercado de trabalho torna-se mais completa a partir de análises estatísticas do setor. Analisar o número de pessoas nessa faixa etária e caracterizá-las por raça, gênero, situação de emprego ou desemprego, ou, ainda, se são estudantes ou não, dentre outros, é importante para se conhecer o cenário trabalhista dessa população. Assim, esta subseção pretende apresentar alguns estudos que abordam o mercado de trabalho juvenil pela ótica empírica.

Corseuil e Foguel (2011) afirmam, em seu estudo, que a economia brasileira teve vários pequenos ciclos econômicos no início da última década. Porém, no período 2003-08, o País esteve inserido em uma contínua expansão econômica. Nesse intervalo, o mercado formal de trabalho teve uma alavancagem significativa, em oposição ao decréscimo das taxas de desemprego brasileiras. Os autores propõem-se a esclarecer em que medida o ciclo econômico influencia o trabalho formal. Nesse sentido, afirmam que, quando o desemprego é alto, as empresas tendem a oferecer salários baixos e a contratar especialmente trabalhadores desempregados, ao passo que, com a economia voltando a crescer, as contratações formais são feitas a partir de maiores salários, retirando os

trabalhadores principalmente das empresas informais e aumentando, assim, o grau de formalização do mercado de trabalho. No que tange às contribuições empíricas do estudo, Corseuil e Foguel (2011) exploram a probabilidade de um trabalhador recém-contratado formalmente ter vindo do desemprego ou de um posto informal de trabalho, fazendo, assim, uma relação entre o ciclo econômico e a situação predominante no mercado de trabalho, em determinado momento. Ainda, é proposta uma análise salarial em relação ao mercado formal ou informal, em função da situação do mercado vigente. Para testar suas teorias, os autores utilizam dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE.

Já no campo do emprego juvenil, especificamente, o trabalho de Garcia *et al.* (2010) busca compreender como ocorre, para o jovem, a busca pela primeira ocupação formal. Por meio de análises de séries temporais, as autoras analisam como a macroeconomia brasileira afetou o mercado de trabalho juvenil entre 1999 e 2009. A constatação a que chegam é que o ciclo econômico brasileiro tem forte influência sobre o mercado juvenil, sendo que, como já foi dito anteriormente nesta pesquisa, o segmento juvenil sofre quando a economia decresce, porém não acompanha, no mesmo ritmo, o ciclo econômico, quando esse está em ascendência.

Reis e Camargo (2007) optaram por estudar apenas as regiões urbanas brasileiras no período 1981-2002. Com o objetivo de entender a relação que existe entre inflação e taxa de desemprego, principalmente a juvenil, os autores utilizam análises econométricas por meio da metodologia de *cross-sections*. Reis e Camargo (2007) afirmam que há uma relação inversa entre inflação e taxa de desemprego, especialmente entre os jovens de 18 a 20 anos.

Outro estudo sobre esse setor é o de Flori (2003), que se propõe a analisar a estrutura do desemprego dos jovens no Brasil, procurando explicar a razão de a taxa de desemprego juvenil ser bastante superior à dos adultos. Para tanto, a autora analisa dados da PME, do IBGE, durante o período 1983-2002, nas seis principais regiões metropolitanas brasileiras: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Ela faz, primeiramente, uma decomposição da taxa de desemprego juvenil quanto à sua duração e à taxa de entrada dos jovens nessa situação. Flori (2003) percebe que o tempo que o trabalhador jovem permanece desempregado é proporcional ao tempo dos adultos, sendo que, o que os diferencia, segundo a autora, é a maior rotatividade dos jovens no mercado de trabalho. Esse fato acontece em decorrência de os jovens não terem, em geral, de sustentar familiares, o que os permite trocar de emprego seguidamente, em busca de uma colocação melhor no mercado. Para chegar a tal conclusão, a autora utiliza matrizes de transição.

A pesquisadora Tomás (2007), a exemplo de Flori (2003), também utiliza dados da PME sobre as seis principais regiões brasileiras. Porém seu período de análise visa a comparar as três últimas décadas, por meio de estudos econométricos que buscam analisar, prioritariamente, os resultados por gênero e, em alguns casos, por frequência à escola. Tomás (2007) mostra que a idade de inserção no mercado de trabalho aumentou nas últimas décadas e que as características da família do jovem têm forte influência sobre a inserção desse no mercado de trabalho.

Nesse segmento, outro estudo que trabalha com o mercado de trabalho juvenil é o de Thomé *et al.* (2010), que analisam dados juvenis de sete capitais e de três municípios brasileiros entre 2003 e 2005. O seu objetivo é traçar um panorama de como estava o jovem no mercado de trabalho, no período estudado. Para tanto, utilizam métodos econométricos, tais como estatísticas descritivas, qui-quadrado e teste *t* de Student. Constataram que os jovens trabalhadores encontram mais oportunidades de trabalho informal e recebem remuneração inferior a um salário mínimo, considerando-se que dedicam cinco a oito horas diárias ao emprego.

Já Bastos (2006) investiga de que forma o tamanho da população jovem na RMPA afetou a ocupação e o desemprego desse segmento no período 1993-2004, utilizando, como método de estimação econométrica, os mínimos quadrados ordinários. O autor chega à conclusão de que o mercado de trabalho juvenil acompanha o ciclo econômico vigente e que há uma relação negativa entre o tamanho relativo da coorte de jovens e a sua taxa de ocupação, ou seja, a hipótese é a de que quanto maior o tamanho relativo da coorte juvenil, menor a taxa de ocupação dos jovens.

O Quadro 1 apresenta um resumo dos estudos empíricos analisados. Nele, são expostos os períodos, as regiões e as metodologias empregadas, além dos principais resultados de cada pesquisa.

Quadro 1

Estudos empíricos sobre o mercado de trabalho juvenil — 1981-2009

FONTE	PERÍODO	REGIÕES	METODOLOGIA	RESULTADO
Garcia <i>et al.</i> (2010)	1999-2009	A pesquisa faz uso de dados do Cadas- tro Geral de Empre- gados e Desempreg- ados (Caged).	Séries tempo- rais.	Os resultados obtidos sugerem que o primeiro emprego é mais sensível que o emprego como um todo e que depende relati- vamente mais do crescimento econômico. No entanto, consta- tou-se que, em períodos de es- tagnação econômica, o primeiro emprego reage mais fortemente, caindo com mais vigor do que o emprego total. Inversamente, nos períodos de recuperação, o primeiro emprego apresenta resposta mais lenta, relativa- mente ao emprego.
Reis e Camargo (2007)	1981-2002	Regiões urbanas brasileiras.	<i>Cross-section.</i>	Reduções na taxa de inflação levam a aumentos na taxa de desemprego, e esse efeito é significativamente mais acentua- do para os jovens com idade entre 18 e 20 anos do que para os trabalhadores mais velhos.
Flori (2003)	1983-2002	Regiões Metropolita- nas de Recife, Sal- vador, Belo Horizon- te, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.	Matriz de probabilidades.	Para os jovens, em relação a adultos e idosos, a duração no emprego é baixa, e o desempre- go é alto.
Tomás (2007)	1982-83, 1991-92 e 2000-01	Regiões Metropolita- nas de Recife, Sal- vador, Belo Horizon- te, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.	<i>Cross-section.</i>	O adiamento na inserção na força de trabalho entre 1983 e 2001, em quase um ano por década.
Thomé, Queiroz e Koller (2010)	2003-05	Sete capitais — Porto Alegre, Recife, São Paulo e Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande e Manaus — e três municípios — Arcos (Minas Gerais), Presidente Prudente (São Paulo) e Maués (Amazonas).	Estatísticas descritivas, qui-quadrado e teste <i>t</i> de Student.	Os jovens trabalhadores encon- tram mais oportunidades de trabalho informal e recebem remuneração inferior a um salá- rio mínimo, considerando-se que se dedicam cinco a oito horas diárias.
Bastos (2006)	1993-04	RMPA.	Mínimos quadrados ordinários.	Maior sensibilidade do emprego e do desemprego juvenil ao com- portamento cíclico das economi- as, e efeito inversamente negati- vo do tamanho relativo da coorte juvenil sobre seu <i>status</i> no mercado de trabalho.

O público jovem encontra, em geral, dificuldade em se inserir no mercado de trabalho. Vítima de altos níveis de desemprego, essa camada populacional sofre por não ter experiência profissional e, em muitos casos, um nível educacional satisfatório. Nota-se que no período em análise, de 2003 a 2010, essa população teve uma melhora gradativa em seus dados de empregabilidade, influenciada pelo ciclo de crescimento econômico que o país teve durante esses anos.

A visão empírica do mercado de trabalho revela dados importantes para quantificar e qualificar os possíveis problemas desse setor. Através de suas pesquisas, os autores analisados buscam soluções para as dificuldades de empregabilidade juvenil encontradas no Brasil. Utilizando-se de diferentes métodos e em diferentes regiões brasileiras, tais pesquisadores apresentam possíveis alternativas de melhoria de ingresso e de permanência do jovem no mercado de trabalho.

O desemprego é uma mazela que afeta, principalmente, os indivíduos jovens. Esse fato ocorre pela baixa qualificação com que esses trabalhadores chegam ao mercado formal de trabalho. A precariedade do ensino no País provoca esse problema social, em que o jovem encontra dificuldades em empregar-se e, quando consegue, é em condições desalentadoras quanto ao seu futuro profissional.

3.2 Análise do emprego formal e dos salários dos jovens na RMPA

Nesta subseção, analisa-se o emprego formal dos jovens na RMPA, assim como seus salários, durante o governo do Presidente Lula, entre os anos 2003 e 2010. O objetivo estabelecido foi uma comparação entre o ano inicial e o ano final do período em análise, na qual se especificaram os dados de indivíduos empregados formalmente no último dia de cada ano em estudo. Os métodos empregados foram a estatística descritiva e a análise espacial, a partir do *software* GeoDa. Tal *software* realiza análises espaciais de dados, de autocorrelação e de modelagem. Inicialmente, ele foi desenvolvido pelo Laboratório de Análise Espacial da Universidade de Illinois, Estados Unidos. Atualmente, o desenvolvimento desse *software* é realizado no Centro GeoDa para Análise Geoespacial e Computação da Universidade Estadual do Arizona, também nos Estados Unidos.

A RMPA foi desmembrada em seus 32 municípios, para se verificar onde os jovens de 16 a 24 anos estavam empregados, que remuneração recebiam e em que quantidade estavam empregados ao final do período proposto. Para tanto, optou-se por obter os dados para este estudo na RAIS do MTE. Os dados da RAIS abrangem todos os tipos de vínculos emprega-

tícios formais, sejam estatutários, sejam celetistas, temporários ou avulsos, que se encontram ativos em 31 de dezembro do ano em análise. Além disso, a RAIS contempla uma grande gama de informações sociais, entre elas o nível educacional e a média salarial do trabalhador, índices esses que são utilizados no presente estudo da RMPA.

Segundo Bastos (2010a), a população jovem da RMPA atravessou o período do Governo Lula praticamente estável, com uma tendência de declínio nos últimos anos do período. De acordo com o autor, essa situação constitui-se numa evidente indicação do processo de transição demográfica em que o País está inserido. Ela provém do declínio das taxas de natalidade e de fecundidade, acompanhado do aumento da expectativa de vida dos brasileiros nos últimos anos. Isso provoca o avanço de segmentos de idade mais avançada na população, em detrimento dos mais jovens. No período 2003-10, portanto, a população jovem teve sua participação na PIA da RMPA diminuída, o que favoreceu a inserção dessa população no mercado de trabalho, tendo em vista o “[...] não aumento da pressão da oferta de trabalho desse segmento sobre o mercado de trabalho metropolitano” (Bastos, 2010a, p. 5).

No âmbito do mercado de trabalho jovem da RMPA, o emprego formal cresceu quase 20% no período em análise, porém tal fato ocorreu com algumas discrepâncias entre os setores econômicos e os diferentes municípios da região. Na Tabela 4, apresenta-se o cenário do mercado de trabalho juvenil da RMPA nos anos 2003-10. Como pode ser observado, a região contava com 193.601 trabalhadores jovens formalmente inseridos no mercado de trabalho ao final do ano 2003. Os setores que concentravam mais indivíduos eram o da indústria (32,82%), do comércio (27,41%) e serviços (36,28%). O município de Porto Alegre contribuía com quase metade dessa população (43,19%), seguido por Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Gravataí. Os dois últimos, aliás, grandes polos de setores industriais, como é o caso do setor calçadista de Novo Hamburgo, forte demandante de mão de obra. Percebe-se, como afirmado anteriormente, que o setor industrial demandou mais jovens trabalhadores, principalmente em municípios do Vale do Rio dos Sinos, como, por exemplo, Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga. Em oposição, os municípios mais próximos da capital gaúcha, incluindo-a, foram demandantes, em especial, de cargos no setor serviços, no comércio e na indústria.

Tabela 4

Quantidade de jovens trabalhadores, por município e por setor,
na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003 e 2010

MUNICÍPIOS	INDÚSTRIA		CONSTRU- ÇÃO CIVIL		COMÉRCIO		SERVIÇOS	
	2003	2010	2003	2010	2003	2010	2003	2010
Alvorada	430	1.025	57	148	910	1.143	665	559
Araricá	210	283	1	0	12	25	44	59
Arroio dos Ratos ...	78	75	4	0	87	130	84	93
Cachoeirinha	1.778	2.375	135	403	1587	2.365	1.537	2.619
Campo Bom	4.099	3.178	20	44	717	920	884	967
Canoas	2.932	3.578	864	1.058	3.865	5.443	5.236	7.700
CapeladeSantana	497	82	0	2	30	77	26	39
Charqueadas	421	562	24	7	267	359	143	144
Dois Irmãos	3.172	2.186	8	59	425	553	185	256
Eldorado do Sul	287	787	37	83	136	311	1.005	516
Estância Velha	2.112	1.450	16	138	397	660	219	311
Esteio	1328	1.411	62	232	837	1.339	1.110	971
Glorinha	119	453	70	96	40	57	809	482
Gravataí	4.021	4.520	177	205	1.693	2.920	1.783	2.289
Guaíba	554	554	52	86	676	968	1.149	634
Ivoti	1.228	653	12	57	290	453	298	260
Montenegro	1.666	1.423	74	125	822	1.038	722	815
Nova Hartz	1.493	1.845	2	8	114	162	111	50
Nova Santa Rita ...	229	421	7	76	59	178	164	450
Novo Hamburgo ...	9.381	7.259	738	549	4.648	5.029	4.430	4.733
Parobé	2.892	2.783	11	75	280	523	240	362
Portão	988	936	87	148	257	380	112	144
Porto Alegre	9.027	9.969	2.977	5.810	28.140	33.672	43.240	55.370
Rolante	1.120	1.421	5	3	151	264	114	152
Santo Antônio da								
Patrolha	1.210	1.051	39	53	352	559	231	363
São Jerônimo	121	379	3	7	194	241	163	125
São Leopoldo	3.028	3.338	159	517	2.500	3.408	2.676	5.957
Sapiranga	5.679	3.874	25	33	770	1.283	658	598
Sapucaia do Sul ...	1.704	1.599	197	398	818	1.490	605	635
Taquara	825	1.063	15	33	657	825	510	525
Triunfo	267	372	56	61	161	210	408	449
Viamão	640	618	84	188	1.169	2.009	672	779
TOTAL	63.536	61.523	6.018	10.702	53.061	68.994	70.233	89.406
% do total	32,82	26,59	3,11	4,63	27,41	29,82	36,28	38,65
Δ% 2010/2003	-	-3,17	-	77,83	-	30,03	-	27,30

(continua)

Tabela 4

Quantidade de jovens trabalhadores, por município e por setor,
na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003 e 2010

MUNICÍPIOS	AGROPECUÁRIA		TOTAL		% DO TOTAL	
	2003	2010	2003	2010	2003	2010
Alvorada	3	2	2065	2.877	1,07	1,24
Araricá	0	0	267	367	0,14	0,16
Arroio dos Ratos ..	12	13	265	311	0,14	0,13
Cachoeirinha	4	3	5.041	7.765	2,60	3,36
Campo Bom	3	13	5.723	5.122	2,96	2,21
Canoas	9	6	12.906	17.785	6,67	7,69
Capela de Santana	7	12	560	212	0,29	0,09
Charqueadas	5	12	860	1.084	0,44	0,47
Dois Irmãos	2	1	3.792	3.055	1,96	1,32
Eldorado do Sul	15	12	1.480	1.709	0,76	0,74
Estância Velha	2	9	2.746	2.568	1,42	1,11
Esteio	1	1	3.338	3.954	1,72	1,71
Glorinha	10	8	1.048	1.096	0,54	0,47
Gravataí	15	13	7.689	9.947	3,97	4,30
Guaíba	41	61	2.472	2.303	1,28	1,00
Ivoti	3	4	1.831	1.427	0,95	0,62
Montenegro	107	137	3.391	3.538	1,75	1,53
Nova Hartz	0	0	1.720	2.065	0,89	0,89
Nova Santa Rita ...	2	5	461	1.130	0,24	0,49
Novo Hamburgo ...	23	10	19.220	17.580	9,93	7,60
Parobé	1	1	3424	3.744	1,77	1,62
Portão	2	1	1.446	1.609	0,75	0,70
Porto Alegre	234	205	83.618	105.026	43,19	45,40
Rolante	2	4	1.392	1.844	0,72	0,80
Santo Antônio da Patrulha	35	33	1.867	2.059	0,96	0,89
São Jerônimo	9	13	490	765	0,25	0,33
São Leopoldo	11	13	8.374	13.233	4,33	5,72
Sapiranga	4	3	7.136	5.791	3,69	2,50
Sapucaia do Sul ...	22	0	3.346	4.122	1,73	1,78
Taquara	8	7	2.015	2.453	1,04	1,06
Triunfo	18	55	910	1.147	0,47	0,50
Viamão	143	53	2.708	3.647	1,40	1,58
TOTAL	753	710	193.601	231.335	100,00	100,00
% do total	0,39	0,31	100	100	-	-
Δ% 2010/2003	-	-5,71	-	19,49	-	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS (Brasil, 2011b).

No final do ano de 2010, no entanto, a RMPA contabilizava 231.335 trabalhadores jovens formalmente empregados, o que representa um aumento de 19,49% em relação ao ano de 2003. Os setores econômicos que mais tinham empregados jovens continuavam a ser indústria (26,59%), comércio (29,82%) e serviços (38,65%). Constata-se, porém, que ocorreu uma considerável mudança na distribuição dos trabalhadores entre esses três setores: enquanto comércio e serviços cresceram 30,03% e 27,3% respectivamente, em relação a 2003, o setor industrial teve uma retração de seu contingente de 3,17%. Percebe-se, portanto, uma migração dos postos de trabalho juvenil do setor industrial para os outros dois setores anteriormente citados. Tendo em vista que, no período em análise, o PIB gaúcho dos setores comércio e serviços cresceu cerca de 27% e 24% respectivamente, enquanto o PIB industrial do Estado avançou apenas 14%, pode-se entender essa retração do emprego industrial a favor dos outros setores, como um reflexo do mercado. Destaca-se, ainda, o setor da construção civil, que, no período em análise, cresceu 77,83%, bem acima da média dos demais setores. Porém, quando se verificam os números relativos, percebe-se que houve uma redução do emprego juvenil no total de ocupados, na RMPA, passando de 20,4% em 2003 para 17,5% em 2010 (FEE, 2011).

Porto Alegre continua a liderar os postos de trabalho juvenil na RMPA, passando sua contribuição para 45,4% e com mais da metade desses empregos no setor serviços. Esse setor foi o que mais cresceu no período, principalmente nos municípios próximos à capital, em oposição aos municípios do Vale do Rio dos Sinos, que tiveram, no final de 2010, seus percentuais diminuídos em relação a 2003, especialmente no setor industrial. Esse cenário é explicado pelas dificuldades por que as empresas calçadistas exportadoras passaram no final do governo do Presidente Lula.

Na Tabela 5, é analisada a remuneração⁴ recebida pelos jovens em 2003 e em 2010, por municípios e por setores, com maior número de jovens empregados na RMPA. Como se pode observar, no geral, houve um incremento na variação real dos salários dos jovens da RMPA. Dentre os três setores que mais empregavam jovens no período em análise, destaca-se o comércio, que teve um aumento médio dos salários de 13,1%; em seguida, identificam-se o setor serviços, com 7,6%, e o setor industrial, com 4,9%, totalizando um aumento salarial real, na média desses três setores, de 8,5%. Dentre os municípios com maior variação positiva salarial,

⁴ A remuneração expressa na Tabela 5 refere-se ao salário real com base em 2010. Os salários de 2003 foram corrigidos pela variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a partir de 1º de abril de 2003, quando houve a alteração do salário mínimo de 2003, até 31 de dezembro de 2010. O IPCA, nesse período, teve uma variação positiva de 49,03%, conforme o Banco Central do Brasil.

destacam-se Alvorada (20, 7%) e Araricá (29,6%). Por outro lado, o único município da RMPA que apresentou variação negativa nos salários dos jovens no período em análise foi Gravataí (-2,1%), o que foi causado, em especial, pelo setor industrial, que teve uma diminuição de 8,5% nos salários.

Tabela 5

Remuneração dos jovens, por município e por setor, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003 e 2010

MUNICÍPIOS	INDÚSTRIA			COMÉRCIO		
	2003 (R\$)	2010 (R\$)	$\Delta\%$ $\frac{2010}{2003}$	2003 (R\$)	2010 (R\$)	$\Delta\%$ $\frac{2010}{2003}$
Alvorada	740,39	963,90	30,19	640,24	739,50	15,50
Araricá	765,42	933,30	21,93	590,16	770,10	30,49
Arroio dos Ratos	772,58	729,30	-5,60	583,01	678,30	16,34
Cachoeirinha	954,99	948,60	-0,67	676,00	780,30	15,43
Campo Bom	761,85	800,70	5,10	736,81	754,80	2,44
Canoas	1.115,94	1.060,80	-4,94	726,08	780,30	7,47
Capela de Santana	729,65	693,60	-4,94	600,89	744,60	23,92
Charqueadas	1.470,04	1.249,50	-15,00	561,55	678,30	20,79
Dois Irmãos	736,81	810,90	10,06	751,12	872,10	16,11
Eldorado do Sul	1.259,01	1.433,10	13,83	769,00	867,00	12,74
Estância Velha	665,27	805,80	21,12	683,16	775,20	13,47
Esteio	865,57	918,00	6,06	704,62	780,30	10,74
Glorinha	876,30	1.050,60	19,89	629,51	719,10	14,23
Gravataí	1.087,33	994,50	-8,54	658,12	729,30	10,82
Guaíba	1.144,56	1.055,70	-7,76	629,51	708,90	12,61
Ivoti	726,08	790,50	8,87	679,58	770,10	13,32
Montenegro	844,11	923,10	9,36	636,66	739,50	16,15
Nova Hartz	697,46	693,60	-0,55	697,46	693,60	-0,55
Nova Santa Rita	954,99	974,10	2,00	736,81	790,50	7,29
Novo Hamburgo	726,08	821,10	13,09	726,08	780,30	7,47
Parobé	711,77	739,50	3,90	661,70	708,90	7,13
Portão	801,19	872,10	8,85	693,89	765,00	10,25
Porto Alegre	919,22	999,60	8,74	711,77	790,50	11,06
Rolante	575,86	627,30	8,93	597,32	714,00	19,53
Santo Antônio da Patrulha	586,59	657,90	12,16	640,24	708,90	10,72
São Jerônimo	861,99	897,60	4,13	590,16	759,90	28,76
São Leopoldo	897,76	1.030,20	14,75	701,04	765,00	9,12
Sapiranga	701,04	729,30	4,03	715,35	754,80	5,52
Sapucaia do Sul	908,49	974,10	7,22	658,12	775,20	17,79
Taquara	604,47	698,70	15,59	633,08	714,00	12,78
Triunfo	1.731,14	1606,50	-7,20	597,32	683,40	14,41
Viamão	894,19	974,10	8,94	618,78	724,20	17,04
Total	877,75	920,55	4,88	663,60	750,50	13,10

(continua)

Tabela 5

Remuneração dos jovens, por município e por setor, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003 e 2010

MUNICÍPIOS	SERVIÇOS			MÉDIA		
	2003 (R\$)	2010 (R\$)	$\Delta\%$ 2010 2003	2003 (R\$)	2010 (R\$)	$\Delta\%$ 2010 2003
Alvorada	711,77	821,10	15,36	697,46	841,50	20,65
Araricá	604,47	836,40	38,37	653,35	846,60	29,58
Arroio dos Ratos	557,97	647,70	16,08	637,85	685,10	7,41
Cachoeirinha	729,65	765,00	4,84	786,88	831,30	5,64
Campo Bom	815,50	831,30	1,94	771,38	795,60	3,14
Canoas	776,15	790,50	1,85	872,72	877,20	0,51
Capela de Santana	718,92	938,40	30,53	683,16	792,20	15,96
Charqueadas	679,58	861,90	26,83	903,72	929,90	2,90
Dois Irmãos	804,77	907,80	12,80	764,23	863,60	13,00
Eldorado do Sul	650,97	902,70	38,67	892,99	1.067,60	19,55
Estância Velha	840,53	902,70	7,40	729,65	827,90	13,46
Esteio	833,38	872,10	4,65	801,19	856,80	6,94
Glorinha	658,12	474,30	-27,93	721,31	748,00	3,70
Gravataí	890,61	856,80	-3,80	878,69	860,20	-2,10
Guaíba	726,08	810,90	11,68	833,38	858,50	3,01
Ivoti	704,62	861,90	22,32	703,43	807,50	14,80
Montenegro	747,54	851,70	13,93	742,77	838,10	12,83
Nova Hartz	772,58	912,90	18,16	722,50	766,70	6,12
Nova Santa Rita	751,12	810,90	7,96	814,30	858,50	5,43
Novo Hamburgo	811,92	836,40	3,02	754,69	812,60	7,67
Parobé	851,26	821,10	-3,54	741,58	756,50	2,01
Portão	933,53	841,50	-9,86	809,54	826,20	2,06
Porto Alegre	894,19	933,30	4,37	841,73	907,80	7,85
Rolante	951,41	892,50	-6,19	708,19	744,60	5,14
Santo Antônio da Patrulha	708,19	754,80	6,58	645,01	707,20	9,64
São Jerônimo	751,12	790,50	5,24	734,42	816,00	11,11
São Leopoldo	808,34	765,00	-5,36	802,38	853,40	6,36
Sapiranga	851,26	887,40	4,24	755,88	790,50	4,58
Sapucaia do Sul	872,72	943,50	8,11	813,11	897,60	10,39
Taquara	754,69	836,40	10,83	664,08	749,70	12,89
Triunfo	922,80	979,20	6,11	1.083,75	1.089,70	0,55
Viamão	783,31	826,20	5,48	765,42	841,50	9,94
Total	777,16	836,40	7,62	772,84	835,82	8,15

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS (Brasil, 2011b).

Um importante parâmetro de desenvolvimento dos municípios gaúchos é o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese), calculado pela FEE para o Rio Grande do Sul, seus municípios e seus Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) (FEE, 2011). De acordo com dados de 2009⁵,

⁵ Optou-se por utilizar-se o Idese 2009, pois, de 2003 a 2009, foi utilizada a mesma metodologia pela FEE, para cálculo desse índice. Como, para o Idese 2010, essa

há um maior nível do Idese nos municípios de Esteio, Porto Alegre, Canoas e Cachoeirinha, seguidos dos municípios do Vale do Rio dos Sinos, especialmente. Esses municípios são os que mais empregam mão de obra juvenil na RMPA, indicando que, quanto maior o nível de desenvolvimento do município, maior será seu contingente de jovens trabalhadores.

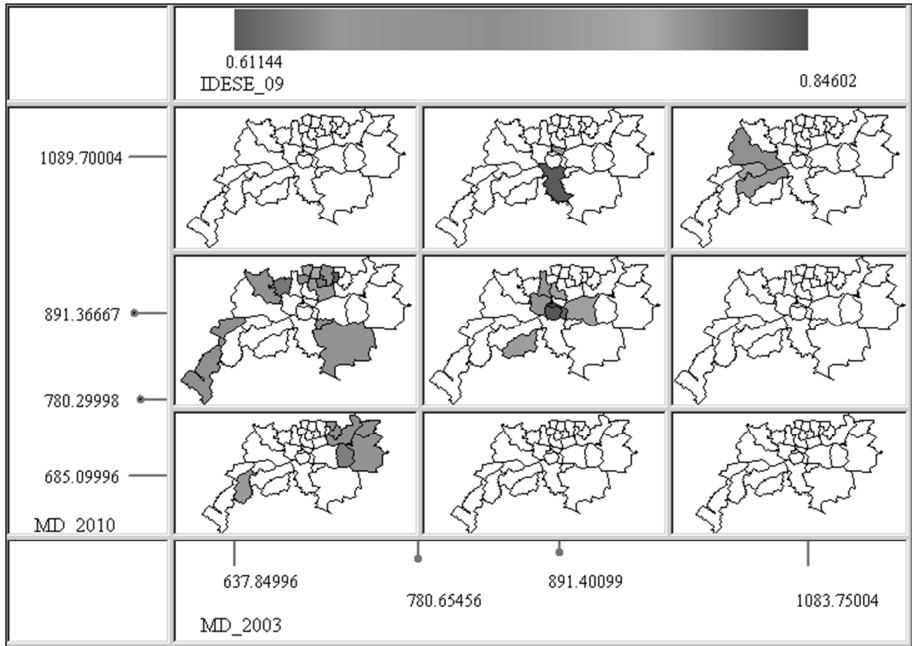
A Figura 1 foi construída no GeoDa e relaciona o rendimento dos jovens em 2003, em 2010 e o Idese de 2009. Com auxílio dessa figura, é possível verificarem-se as alterações espaciais que ocorreram em termos relativos de renda e a relação dessas com o Idese. Os mapas localizados na diagonal secundária — que parte da origem em sentido nordeste — mostram os municípios que mantiveram sua posição relativa em termos de rendimento dos jovens. Os três mapas abaixo dessa diagonal indicam os municípios que possuíam rendas média e alta em 2003 e baixa em 2010 (segundo e terceiro mapas na linha inferior da Figura 1) e os municípios que apresentavam renda alta em 2003 e média em 2010 (terceiro mapa da linha mediana da Figura 1). Verifica-se o inverso nos mapas localizados acima da diagonal secundária. Já o gradiente de cores indica o Idese de 2009 nos municípios distribuídos conforme seu nível de rendimento, e o eixo das abscissas representa os níveis de renda de 2003 e das ordenadas dos níveis de renda de 2010.

Ao se observar a Figura 1, verifica-se um crescimento da renda dos jovens, pois nenhum município que possuía renda média ou alta em 2003 ficou com renda baixa em 2010. Da mesma forma, nenhum município que possuía renda alta em 2003 ficou com um nível de renda média em 2010. Já diversos municípios que apresentavam renda baixa em 2003 (primeiro mapa da diagonal secundária) passaram para um nível de renda média em 2010. Da mesma forma, verifica-se que alguns municípios com níveis de renda média em 2003 passaram a ter níveis de renda alta em 2010, porém esse movimento ocorreu com menos intensidade, uma vez que foram somente dois municípios que apresentaram essa dinâmica. Com isso, pode-se concluir que, no período do Governo Lula, houve um incremento da renda dos jovens da RMPA, impactando, de forma mais intensa, os municípios de renda mais baixa e que não estavam concentrados espacialmente. Outro aspecto que se destaca na Figura 1 é a questão do Idese, já que esse não foi um elemento determinante para o crescimento de renda dos municípios, pois há uma dispersão de municípios com menores índices em 2003 que avançaram para níveis de renda superiores em 2010.

metodologia foi modificada, preferiu-se manter o índice, calculando-o como na maior parte do período em análise neste artigo.

Figura 1

Salário médio (em R\$) dos jovens e Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IdeSe) da Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003 e 2010



NOTA: 1. Elaboração a partir do software GeoDa.

2. MD_2003= Salário médio dos jovens na RMPA em 2003.

3. MD_2010 = Salário médio dos jovens na RMPA em 2010.

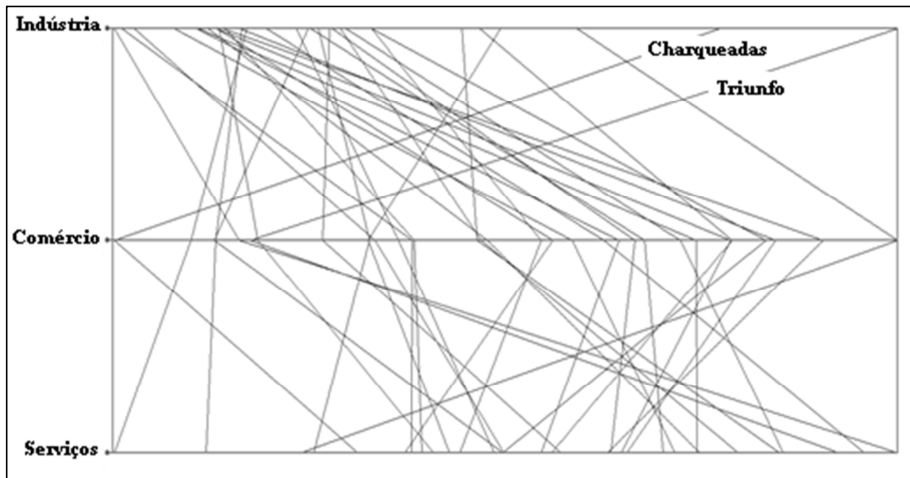
Sob outro olhar, ou seja, avaliando-se a relação entre os diferentes setores nos dois anos-base da análise, construíram-se as Figuras 2 e 3 com barras paralelas, o que permite visualizar a existência de fatores entre as variáveis. Cada linha representa um município, e seu intercepto com os eixos refere-se ao nível de rendimento médio daquele município em termos de indústria, comércio e serviços.

Como se pode observar na Figura 2, o rendimento médio na indústria é menos disperso e, de modo geral, menor que o do comércio, sendo que os dois municípios de maior rendimento para a indústria, Charqueadas e Triunfo, possuíam uma relação fortemente inversa aos demais municípios analisados. Isso é compreensível para Triunfo em função do Polo Petroquímico, e para Charqueadas, por causa da indústria do aço, que era responsável pela quase totalidade da renda do município. No que se refere a serviços, não se verificou relação significativa com o comércio e com a indústria. Em síntese, dessa abordagem, pode-se afirmar que, em 2003,

havia uma forte relação negativa entre os rendimentos da indústria e do comércio, que não se verifica no setor serviços.

Figura 2

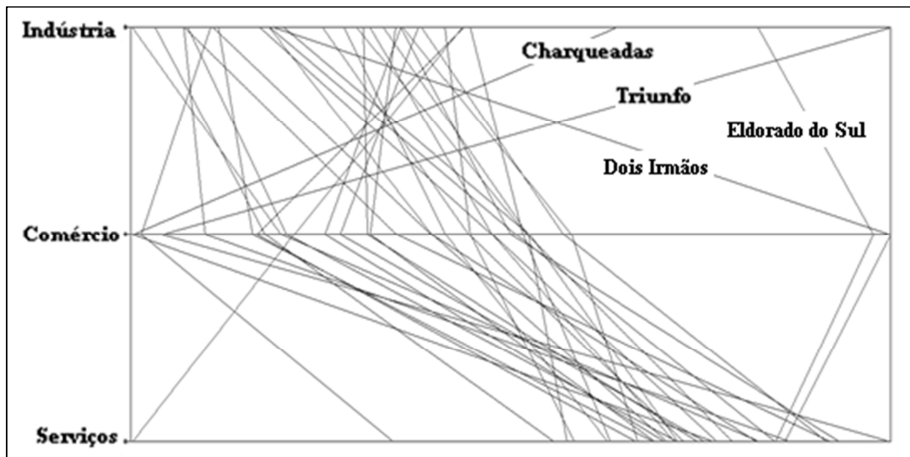
Salários médios dos jovens da Região Metropolitana de Porto Alegre — 2003



NOTA: Elaboração a partir do *software* GeoDa.

Figura 3

Salários médios dos jovens da Região Metropolitana de Porto Alegre — 2010



NOTA: Elaboração a partir do *software* GeoDa.

O mais interessante é verificar que houve uma intensa modificação nas relações entre os setores no período de análise, de forma que, em 2010, já não havia uma correlação nítida entre os rendimentos da indústria e os do comércio, e o setor serviços passou a ser fortemente e negativamente correlacionado com o comércio e fracamente com a indústria, como pode ser observado na Figura 3. É necessário destacar que esses valores não são diagnosticados pelos valores médios, pois os rendimentos médios na indústria (4,9%), no comércio (13,1%) e em serviços (7,6%) não condizem com os valores altamente discrepantes que podem ser observados nas Figuras 2 e 3.

Ao se analisar o Idese da RMPA a partir de seus diferentes blocos, nota-se o alto grau que a região possui em nível educacional. Em relação ao Idese Educação, o município de Glorinha possui a pior educação da região, mas, mesmo assim, alcança uma marca educacional de alto desenvolvimento (0,812). Por outro lado, Esteio lidera o Idese educacional (0,927). Apesar de o Governo gaúcho não ter ofertado nenhuma política voltada aos jovens no período, a região pôde contar com bons níveis de educação e de distribuição de renda.

Na Tabela 6, contempla-se uma exposição dos valores dos salários mínimos vigentes em cada ano do governo do Presidente Lula. Adicionalmente, analisa-se o percentual de reajuste do salário, bem como o nível de inflação que vigorava na época.

Tabela 6

Salário mínimo e inflação no Brasil — 2003-10

VIGÊNCIA	SALÁRIO MÍNIMO (R\$)	Δ%	INFLAÇÃO (% a.a.)
01.04.2002	200,00	-	-
01.04.2003	240,00	20,00	9,30
01.05.2004	260,00	8,33	7,60
01.05.2005	300,00	15,38	5,69
01.06.2006	350,00	16,67	3,14
01.04.2007	380,00	8,57	4,46
01.03.2008	415,00	9,21	5,90
01.02.2009	465,00	12,05	4,31
01.01.2010	510,00	9,68	5,91
Acumulado	-	99,89	46,31

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Bacen (2011)
Brasil (2011).

Uma possível explicação para a diminuição relativa do nível de emprego dos jovens na região e para o aumento de sua remuneração, abaixo da variação real do salário mínimo, no período, pode ser observada nos dados

da Tabela 6. Percebe-se que o salário mínimo teve um aumento real maior do que 53% durante os mandatos do Governo Lula. Esse número representa mais do que o dobro de quanto cresceu o número de trabalhadores jovens na região (19,49%), durante o mesmo espaço de tempo. Houve um crescimento, em números absolutos, do mercado de trabalho juvenil na RMPA, porém deve-se ressaltar que a remuneração não acompanhou o elevado nível de crescimento real pelo qual passou o salário mínimo nacional, ocasionando, desse modo, uma diferença considerável entre ambos. Isso talvez explique, em parte, a redução relativa dos jovens no mercado de trabalho na RMPA, que tiveram sua participação reduzida entre 2003 e 2010, passando de 20,4% dos ocupados em 2003 para 17,5% em 2010.

Por outro lado, levando-se em consideração apenas o período compreendido entre o primeiro ajuste do salário mínimo do Governo Lula, ocorrido no dia 1º de abril de 2003, até o último dia de seu governo, em 31 de dezembro de 2010, o salário mínimo nacional teve um crescimento real de 42,59%. Em contrapartida, a remuneração real percebida pelos jovens da RMPA, neste período, cresceu 8,5%. Os resultados obtidos na pesquisa relatada neste artigo se assemelham aos verificados em alguns estudos apresentados na subseção 3.1, como é o caso da pesquisa de Garcia *et al.* (2010) e do estudo de Bastos (2006), por exemplo. Esses afirmam que, em períodos de crescimento econômico, o mercado de trabalho juvenil não cresce na mesma proporção dos demais. Isso colabora para a explicação dos dados encontrados no presente estudo, em que se verificou a defasagem da remuneração dos jovens na RMPA frente ao salário mínimo, que teve, conjuntamente com a economia brasileira, um elevado crescimento real no período 2003-10.

Nota-se, portanto, uma elevada disparidade no crescimento real dos salários recebidos pelos jovens na RMPA, entre 2003 e 2010, quando comparados ao aumento real do salário mínimo nacional. Apesar de haver um crescimento, em números absolutos, de quase 20% de trabalhadores jovens na região, quando se comparam os seus salários com o salário mínimo nacional, percebe-se que esse cresceu cerca de cinco vezes mais do que os salários dos jovens nesse período, na RMPA. Isso ajuda a explicar a redução verificada do trabalho juvenil na participação do total de trabalhadores, na RMPA, no período em análise.

4 Considerações finais

O ingresso do jovem no mercado de trabalho representa o início de uma nova fase na vida desse indivíduo. Essa mudança, geralmente, é con-

flituosa, pois ocorre a transferência do ambiente escolar, onde o jovem tem como objetivo o aprendizado, para o ambiente profissional, que requer resultados produtivos imediatos. Esse complexo cenário se intensifica ao analisar-se o perfil desse ingressante no mercado de trabalho brasileiro. Na sua grande maioria, o público jovem chega ao mercado profissional sem experiência e com baixa e precária escolaridade. Tendo em vista a sociedade econômica atual, altamente competitiva, a falta de experiência por parte do jovem apresenta-se como uma barreira para a obtenção de seu primeiro emprego. Além disso, muitas vezes, quando é admitido, pouco tempo depois, acaba ficando desempregado. Isso ocorre por causa das altas exigências que não consegue suprir, pois lhe faltam experiência profissional e formação educacional de qualidade. Nos últimos anos, o Brasil conseguiu ter uma elevação do seu nível escolar; porém o sistema educacional brasileiro, na sua quase totalidade, continua frágil e precário. Essa situação fica evidente ao se compararem a quantidade média de anos de estudo e a qualidade de ensino do País frente às demais nações em desenvolvimento.

Em termos de mercado de trabalho, percebe-se uma evolução no cenário brasileiro, principalmente nas últimas décadas. Após a abertura comercial do início dos anos 90, o Brasil passou por períodos de aprendizado econômico, e seu mercado de trabalho esteve inserido em um processo de redefinições da estrutura produtiva e tecnológica, o que o está incluindo entre as mais fortes economias emergentes mundiais. É nesse cenário de avanços econômicos e de (ainda) insuficiente educação de qualidade que os jovens brasileiros entram no mercado de trabalho. Geralmente, isso ocorre de forma precária, com altas taxas de desemprego (18%) e de informalidade (60,5%), segundo dados de 2006, relatados por Constanzi (2009). Juntamente a isso, ocorrem baixos níveis de rendimento e de proteção social dentre essa população. A situação evidencia como a juventude brasileira padece com um elevado déficit de trabalho decente e de condições de se preparar para ele. A falta de experiência e de qualificação expõe os jovens a índices de desemprego, no mínimo, duas vezes maior do que aqueles observados em outras faixas etárias. Outro agravante é a forte influência de períodos de crises econômicas sobre o mercado de trabalho juvenil, em comparação ao da população adulta.

A RMPA, bem como o Estado do Rio Grande do Sul em geral, teve, nos últimos anos, uma evolução positiva de seu mercado de trabalho. Porém, nota-se que, no período 2003-10, o contingente de jovens que estudavam e trabalhavam na RMPA teve um avanço mais expressivo do que o dos jovens que somente trabalhavam. Essa situação foi gerada pelo mercado, que está cada vez mais seletivo quanto à educação, fazendo com que o público jovem prefira continuar estudando e, assim, postergar a sua entrada

no mercado de trabalho. Esse parece ser o principal fator para a constante queda da população jovem economicamente ativa na RMPA durante o governo do Presidente Lula, de 2003 a 2010. Por outro lado, é possível afirmar que essa situação de baixa pressão da oferta de mão de obra juvenil ajudou os indivíduos que demandaram emprego na região, pois a concorrência a um posto de trabalho nessa faixa etária tornou-se menos acirrada.

No âmbito do mercado de trabalho jovem da RMPA, o trabalho formal cresceu, em números absolutos, quase 20% no período em análise, porém tal fato ocorreu com algumas discrepâncias entre os setores econômicos e os diferentes municípios da região. Pelas análises feitas, percebeu-se uma retração dos postos de trabalho da indústria em comparação aos postos do comércio e do setor serviços. Isso pode ter ocorrido pelas dificuldades por que o setor industrial passou no período, em especial a cadeia calçadista exportadora do Vale do Rio dos Sinos. Essa sofreu com a valorização cambial da moeda brasileira, o que provocou uma significativa queda do emprego juvenil na região, levando-se em conta a alta demanda dessa indústria pelo trabalho dos jovens.

Se, por um lado, o contingente de jovens trabalhadores aumentou durante o governo do Presidente Lula (quase 20%), por outro, sua participação no total de trabalhadores na RMPA recuou de 20,4% em 2003 para 17,5% em 2010. Em conjunto com essa situação, a remuneração juvenil cresceu apenas um quinto da variação real do salário mínimo de 2003 a 2010. Levando-se em consideração apenas o período compreendido entre o primeiro ajuste do salário mínimo do Governo Lula, ocorrido em 1º de abril de 2003, até o último dia de seu governo, em 31 de dezembro de 2010, o salário mínimo nacional teve um crescimento real de 42,59%. Em contrapartida, a remuneração real percebida pelos jovens da RMPA, nesse período, cresceu 8,5%. Esses resultados, obtidos no presente estudo, convergem para as conclusões encontradas em alguns estudos mencionados na subseção 3.1, que dizem que, quando a economia está em crescimento, o mercado de trabalho juvenil não avança na mesma proporção.

Percebe-se, também, que o setor industrial foi o que manteve maior média salarial entre os jovens empregados na RMPA durante o Governo Lula. Porém seu crescimento salarial foi o menor dos três setores que mais empregaram jovens nesse período. Enquanto o salário médio do setor industrial cresceu 4,9% entre os jovens da região, o salário do comércio aumentou 13,1%, seguido pelos salários pagos pelo setor serviços, que aumentou 7,6%. Essas disparidades salariais parecem estar ligadas ao contingente de trabalhadores jovens nesses setores. Enquanto a indústria teve uma diminuição de 3,17% no período 2003-10, os setores serviços e comércio tiveram um considerável aumento de trabalhadores jovens, com incre-

mentos de 27,30% e 30,03% respectivamente, entre seus quadros funcionais.

Conclui-se, portanto, que durante os dois mandatos presidenciais do Governo Lula, de 2003 a 2010, o mercado de trabalho juvenil evoluiu, tendo tido seu contingente elevado. Contribuíram, para isso, o ciclo econômico favorável no período e o empenho do Governo Federal na instituição e na manutenção de programas sociais voltados à escolarização e à inserção dos jovens no mercado de trabalho. Na RMPA, foco do estudo, não foi diferente. Os jovens que chegaram ao mercado tiveram, em média, uma boa inserção ao longo do período. Essa população elevou-se em números absolutos de 2003 a 2010, tendo aumentado seu nível educacional e postergado, em média, sua inserção no mundo do trabalho, preferindo manter-se estudando por mais tempo ao invés de lançar-se na vida profissional com pouca qualificação. Isso ajuda a explicar a redução relativa da participação do contingente de trabalhadores jovens no mercado de trabalho, na RMPA, que se reduziu de 20,4% em 2003 para 17,5% em 2010. Outro fator preponderante para essa redução, no período, deve-se a uma grande diferença no crescimento real da remuneração recebida pelos jovens da RMPA quando comparada ao do salário mínimo nacional. Essa situação se explica pelo elevado acréscimo real que teve o principal balizador de remuneração do Brasil e pelo fato, já constatado em estudos anteriores, de que o mercado de trabalho juvenil dificilmente cresce na mesma proporção que o restante da economia.

Ao final, sugere-se, para estudos futuros, uma análise mais profunda dos grupos que formam a população jovem da RMPA e de sua inserção no mercado de trabalho. As dificuldades que eles enfrentam, em especial os grupos formados por negros, mulheres e pobres, devem ser alvo de uma melhor análise para se poder avançar no campo da inserção do jovem no mercado de trabalho.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BACEN). **Histórico de metas para a inflação no Brasil**. Brasília: Bacen, 2011. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/metas/TabelaMetaseResultados.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

BASTOS, R. L. A. A inserção dos jovens no mercado de trabalho da região metropolitana de Porto Alegre: uma experiência marcada pela elevada incidência do desemprego. In: BASTOS, R. L. A. (Coord.). **Dimensões da Precarização do Mercado de Trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: FEE, 2007. p. 153-192.

BASTOS, R. L. A. Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: a experiência recente da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 301-315, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010230982006000200007&script=sci_arttext&tlng=em>. Acesso em: 23 nov. 2010.

BASTOS, R. L. A. **Desemprego na região metropolitana de Porto Alegre**: aspectos da experiência dos anos 2000. Porto Alegre: FEE, 2010. (Textos para Discussão FEE, n. 76).

BASTOS, R. L. A. **Jovens no mercado de trabalho da região metropolitana de Porto Alegre**: quais as mudanças relevantes nos anos 2000? Porto Alegre: FEE, 2010a. (Textos para Discussão FEE, n. 86).

BASTOS, R. L. A. Mudanças estruturais no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul: 1981-2007 In: CONCEIÇÃO, O. A. C. *et al.* (Org.). **A evolução social**. Porto Alegre: FEE, 2010b. p. 45-69.

BASTOS, R. L. A. O segmento juvenil do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: um estudo com ênfase na escolaridade. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. esp., p. 271-298, maio 2005.

BASTOS, R. L. A. **Tabelas Jovens** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <anderbc@hotmail.com > em 12 ago. 2010c.

BASTOS, R. L. A.; MATOS, J. D. Uma análise exploratória dos fatores que condicionam a participação dos jovens nas atividades de estudo e trabalho, na Região Metropolitana de Porto Alegre. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. esp., p. 853-876, 2008.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Boletim de indicadores do mercado de trabalho**: resumo dos contratos de aprendizagem. Brasília: MTE, 2011. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/observatorio/apreend_boletim2010.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2011.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Políticas de Juventude**. 2011a. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/politicas_juventude/>. Acesso em: 17 abr. 2011.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **RAIS: Relação Anual de Informações Sociais**. 2011b. Disponível em: <<http://sgt.caged.gov.br/XOLAPW.dll/fsmMain?C=false&D=false>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CONSTANZI, R. N. **Trabalho decente e juventude no Brasil**. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2009.

CORSEUIL, C. H. L.; FOGUEL, M. N. **Expansão econômica e aumento da formalização das relações de trabalho: uma abordagem através das contratações**. Rio de Janeiro: IPEA, 2011. (Texto para Discussão, n. 1571).

FLORI, P. M. **Desemprego de jovens: um estudo sobre a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro**. 2003. 77 f. Dissertação (Mestrado em Economia) — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **FEE dados**. 2011. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/sel_modulo_pesquisa.asp>. Acesso em: 11 jun. 2011.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Informe PED: Notas Metodológicas**. Porto Alegre: FEE, 2010. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_boletins_ped_mensal_notas.php>. Acesso em: 16 nov. 2010.

GARCIA, M. de F. *et al.* A condição do jovem no mercado de trabalho brasileiro: uma análise comparativa entre o emprego e o primeiro emprego (1999-2009). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 38., 2010, Salvador. [**Anais eletrônicos...**]. Niterói: ANPEC, 2010. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2010/inscricao/arquivos/378-274ec6daa7173691f0f0cc6ad565caad.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

GONZALEZ, R. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In: CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. de (Coord.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 111-128.

GOVERNO Lula termina com aprovação recorde, diz CNI/Ibope. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 dez. 2010. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/12/16/governo-lula-termina-com-aprovacao-recorde-diz-cni-ibope-923304406.asp>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

REIS, M. C.; CAMARGO, J. M. Desemprego dos jovens no Brasil: os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v.61, n.4, p. 493-518, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471402007000400004&script=sci_arttext&tlng=eng>. Acesso em: 23 nov. 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento e Gestão (SEPLAG). **Atlas Socioeconômico do Estado do Rio Grande do Sul**. 2011. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/exibelmng.asp?img=244>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

SILVA, E. R. A.; ANDRADE, C. C. A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (Coord.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília, DF: IPEA, 2009. p. 43-69.

THOMÉ, L. D.; TELMO, A. Q.; KOLLER, S. H. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 46, p. 175-185, 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2010000200005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 23 nov. 2010.

TOMÁS, M. C. **O Ingresso dos jovens no mercado de trabalho: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras nas últimas décadas**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) — Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.